

# Escola Bíblica

Módulo 4 – Discipulado: Colocando a mão na massa!

Aula 08 – A gênese do discipulado

[www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/](http://www.ipbarreto.org.br/escola-biblica/)



## As Dez Palavras

Bem, uma vez compreendidas as tensões do caminho, qual o primeiro passo? Por onde começar? Ser discípulo de Jesus é ser seu aprendiz, viver com Ele e a partir da vida com Ele aprender a viver como Ele. James L. Snyder, introduzindo a obra “A vida crucificada” de A. W. Tozer, nos lembra de que “Tozer ensinou enfaticamente que Cristo não morre na cruz só para salvar as pessoas do inferno; antes, morreu na cruz para que todos possam tornar-se um com Cristo”.<sup>1</sup> Dessa forma, o discípulo é estar unido a Cristo – um relacionamento profundo, íntimo com Jesus – e nos engajar em um aprendizado ativo nessa relação – sermos transformados por Jesus a sua imagem.

É importante lembrar que em um dado sentido estamos sempre retornando aos dois aspectos da salvação que são como lados de uma mesma moeda: de um lado a justificação, que é o fato pronto e acabado de que ao cremos em Jesus o Pai nos declarou justos, nos justificou de tal maneira que a condenação já não estão sobre nós; por outro lado a santificação é um processo que se alonga no tempo, algo que está sendo realizado. A justificação é algo que o Filho faz por nós – uma salvação objetiva – enquanto a santificação é aquilo que o Espírito faz em nós – o aspecto subjetivo da salvação.<sup>2</sup> Neste sentido ambos as perspectivas – justificação e santificação – compõem uma só realidade, pois como afirma a Confissão de Fé de Westminster “estas boas obras, feitas em obediência aos mandamentos de Deus, são o fruto e as evidências de uma fé viva e verdadeira”.<sup>3</sup>

Assim, como já dissemos anteriormente as Escrituras e a oração – as disciplinas essenciais – tem um papel essencial em nosso discipulado, pois são a um só tempo os meios de graça pelo qual cultivamos nosso estar com Jesus e ao mesmo tempo as Escrituras mostram os comandos do Eterno para que nós aprendamos a ser como Jesus. Não se esqueça: que formato tem a graça em nossa vida, com que ela se parece? A graça em nossa vida diária tem o formato da lei, tem o formato de uma vida que obedece a vontade do Eterno revelada claramente em sua Palavra em forma de ordenanças, preceitos e comandos.

Por isso as Dez Palavras formam um tema recorrente entre os reformados, fazendo do Decálogo uma síntese importante dos comandos do Eterno para seu povo, sua vontade expressa. Bavinck destaca que “esse método foi muito utilizado pelos Reformadores, pois eles viam que esses mandamentos tinham sido destinados a realização de boas obras, isto é, estavam de acordo com a vontade de Deus”.<sup>4</sup> Nesse sentido, os Reformadores desejavam moldar suas vidas pelas Escrituras e por isso “retornaram a vontade de Deus como a norma para as boas obras. Eles encontraram essa vontade breve e substancialmente expressa nos Dez Mandamentos”,<sup>5</sup> tendo por certo que o Decálogo é uma síntese da vontade de Deus para seu povo e que deve ser interpretado tendo em vista o contexto de toda a Escritura.<sup>6</sup>

Dessa forma, João Calvino<sup>7</sup> expôs as Dez Palavras, bem como Charles Hodge,<sup>8</sup> e podemos notar a presença das Dez Palavras na Confissão de Fé de Westminster,<sup>9</sup> no Catecismo de Heidelberg,<sup>10</sup> e igualmente nos Catecismos Maior e Menor<sup>11</sup>, exposta neste último item a item. Os reformados tem encarado o discipulado como o aprendizado no qual nos tornamos mais parecidos com Jesus em sua obediência a vontade do Pai e neste sentido é coerente o apoio nas Dez Palavras, tendo em vista que elas são a síntese da vontade do Eterno revelada a Israel e que neste sentido é perfeitamente atual e válida para nós. Afinal, Cristo veio para não para abolir a lei, mas para cumpri-la em si mesmo e nos ensinar também a vivê-la (Mt 5.17-20).

<sup>1</sup> TOZER, A. W. *A vida crucificada*. São Paulo: Editora Vida, 2013, p.9

<sup>2</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997, p.

<sup>3</sup> Confissão de Fé de Westminster/Assembléia de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.126

<sup>4</sup> BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2001, p.534

<sup>5</sup> BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2001,, p.536

<sup>6</sup> BAVINCK, Hermann. *Teologia Sistemática*. Santa Bárbara d'Oeste, SP: SOCEP, 2001,, p.536,537

<sup>7</sup> CALVIN, JOHN ; McNEILL, J. T. (org.) ; BATTLES, F. L. (trad.): *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011

<sup>8</sup> HODGE, CHARLES: *Systematic theology*. vol. 3. Oak Harbor, WA : Logos Research Systems, Inc., 1997

<sup>9</sup> Confissão de Fé de Westminster/Assembléia de Westminster. São Paulo: Cultura Cristã, 2008, p.148

<sup>10</sup> Catecismo de Heidelberg, Parte III, pergunta 92.

<sup>11</sup> Catecismo Menor de Westminster, Perguntas 41 a 81

## Amar a Deus sobre todas as coisas

É um consenso antigo que as Dez Palavras estão divididas em duas tábuas não ao acaso, pois como nos ensina o Catecismo de Heidelberg, a primeira tábua nos ensina a vontade do Eterno em nosso relacionamento com Ele mesmo – eixo vertical – e a segunda tábua nos ensina a vontade do Eterno em nosso relacionamento com nosso irmão – eixo horizontal.<sup>12</sup> Calvino afirmou essa mesma divisão, somando um comentário de que o fundamento de toda vida justa começa com um relacionamento correto com o Eterno: a adoração precede a comunhão e a missão.<sup>13</sup>

A primeira tábua ordena quatro comandos: Não ter outros deuses além do Senhor, não fazer ídolos, não tomar o nome do Eterno em vão e guardar o sábado como dia santificado. É perceptível que o primeiro tema que assurge é o tema da idolatria, claro nos dois primeiros comandos. Mas o que é um ídolo e o que é idolatria? Ao longo de toda a Sagrada Escritura – especialmente no Antigo Testamento – aparece a tensão, o conflito entre adoração ao Deus verdadeiro e a idolatria aos falsos deuses. A idolatria é um dos temas mais importantes das Escrituras Sagradas.

Ídolo é uma palavra que vem do termo grego “*eidolon*”, que significa um simulacro, imitação de algo real. O termo vem da raiz “*eidōs*”, que significa aparência, aspecto. Portanto, um ídolo é uma imitação, uma simulação. No caso, um ídolo é uma tentativa de substituição do verdadeiro Deus, ou seja, um falso deus. Como exemplo podemos citar os deuses do panteão de deuses gregos e romanos e as divindades dos cananeus as quais o antigo Israel adorou. Esses deuses eram responsáveis por diversos aspectos da vida humana, como deuses da chuva ou da caça por exemplo, com quem as pessoas celebravam pactos a fim de obter favor.

Mas afinal, por que o ser humano cria ídolos? As Escrituras mostram que o ser humano foi criado para ter uma relação pessoal com o Criador e que após a queda esse desejo por algo maior não sumiu. Ou seja, todo ser humano possui um instinto religioso, uma busca interior por uma realidade maior do que ele, aquilo que João Calvino chamava de *sensus divinitatis*, ou, *semen religiones*. Conforme Calvino, “Deus dotou os seres humanos de um senso ou pressentimento inato sobre sua existência. É como se algo sobre Deus tivesse sido gravado no coração de cada ser humano.”<sup>14</sup> A queda separou o homem de Deus, mas não arrancou essa semente religiosa, essa busca interior encravada dentro de seu coração que o leva sempre a desejar por uma realidade que lhe dê sentido à existência. Ou seja, o homem procura por algo que lhe seja por “deus”, algo que seja o fim último de sua busca, de suas motivações e intenções. Esse buraco do tamanho de Deus pode levá-lo ao um encontro com o Evangelho, mas como todo homem nasce em um estado de rebelião contra o Criador, o homem em seu curso natural segue negando o senhorio de Deus e acaba por procurar algo pelo qual possa viver, uma realidade que para ele será divina, o fim último de sua existência.

No texto clássico de Romanos 2 Paulo diz que o homem após a queda simplesmente ignorou o Deus verdadeiro e fez para si estatuas e imagens, ou seja, ídolos. Ao longo da Escritura, a idolatria é o movimento pelo qual o homem toma algo criado por Deus e eleva essa realidade ao posto de realidade última da sua existência. Quando algo criado, finito e relativo é elevado à condição de realidade última, divina e absoluta em nossas vidas, estamos substituindo o Criador por uma imitação, uma imagem, um ídolo.

A idolatria, portanto, não é uma questão de simples desobediência, por a desobediência é a falha em obedecer. “A idolatria não é apenas uma fracasso em obedecer a Deus; é uma marca de que o coração inteiro está em algo além de Deus”.<sup>15</sup> Por isso mesmo Tim Keller postula que a idolatria não é um pecado, mas na verdade é a raiz de todo pecado, pois todo pecado se origina na falha em amar a Deus sobre toda as coisas. “A Bíblia, portanto, não considera a idolatria como um pecado entre muitos (um pecado raro encontrado apenas em povos primitivos). Na verdade, todas as nossas falhas em confiar em Deus inteiramente ou viver de forma justa têm sua raiz na idolatria – algo que fazemos mais importante para nós do que o próprio Deus”.<sup>16</sup>

Calvino explica a idolatria como sendo uma experiência de todo ser humano: “Os seres humanos, quase que um a um, têm tido seus próprios deuses. Uma vez que a arrogância e a temeridade se somam à ignorância e às trevas, dificilmente existiu uma só pessoa que não fabricasse para si um ídolo ou imagem no lugar de Deus. Na verdade, da mesma forma que uma grande fonte jorra suas águas, a mente humana cria multidões de deuses”.<sup>17</sup>

O fato é que o coração humano é uma fábrica de ídolos, como destacou David Powlison.<sup>18</sup> O Senhor Jesus resumiu a lei no amar ao Eterno sobre todas as coisas (Mc 12.29,30) e a idolatria é nada mais nada menos que a falha em viver o maior mandamento: amar a Deus sobre todas as coisas, com todas as nossas forças e entendimento.

<sup>12</sup> Catecismo de Heidelberg, Pergunta 93.

<sup>13</sup> CALVIN, JOHN ; McNEILL, J. T. (org.) ; BATTLES, F. L. (trad.): *Institutes of the Christian Religion & 2, The Library of Christian Classics*. vol. 1. Louisville, KY : Westminster John Knox Press, 2011

<sup>14</sup> *Institutas*, livro I, p. 113.

<sup>15</sup> KELLER, Timothy. *Deuses falsos*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2010, p.150

<sup>16</sup> KELLER, Timothy. *Talking about idolatry in a Postmodern Age*. 2007, p.2.

<sup>17</sup> *Institutas*, Livro I, Capítulo 5, Item 12: *A superstição humana e o engano dos filósofos constituem obstáculos à manifestação divina*, p.72.

<sup>18</sup> POWLISON, David. *Idols of the heart and “vanity fair”*. *The Journal of Biblical Counseling*, v. 13, n. 2, p. 35-50, 1995